



# TRIBUNA Livre

8  
OUTUBRO  
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - A M A R E S

## Provincianismo

Como a esfera de uma boneira, a Terra gira constantemente sobre o seu eixo; nesta à sua superfície tudo se mistura, mas nada se confunde. A argamassa humana, sem perder as qualidades intrínsecas de cada um dos seus elementos de formação, adquire por eles a sua consistência. As pessoas vão e vêm, giram e infiltram-se nesta roda viva da vida, mas ninguém perde o tento dos seus princípios e dos seus destinos. Das pequenas aldeias às grandes cidades o edifício social re-be materiais de vária espécie e origem, uns menos e outros de garantida rebustês que lhe formam a contextura. Não se desvie, porém, do seu título este discurso que bem podia levar outro rumo.

No ajuntamento familiar ou na sociedade o beirão distingue-se do transmontano, como o alentejano do algarvio e assim em relação aos demais. Mas o minhoto ou braguês, este conhece-se às léguas. Não há, pelo menos entre nós, exemplo de pro-

vincianismo mais acentuado que o seu.

Muito se tem dito e escrito das suas virtudes e dos seus defeitos; alguns carregam-lhe nestes, como quem corta em pele que não doi, porque se esquecem de que por aqui se passou a infância de quase toda a família portuguesa.

O verdadeiro minhoto, mal pronuncia palavra em qualquer prupo ou assembleia, logo lhe fica declinada a sua naturalidade.

### O Sr. é de Braga!

Também não nem sequer é preciso falar, quando um pequeno gesto, este ou aquele hábito, certo modo de ser e de originalidade o assinala entre os mais.

A questão vai-se cingindo a determinado ponto de vista.

Em Lisboa, se alguém se discuida de fechar atrás de si o porta por onde entrou, pode contar com a censura, até dos seus próprios familiares mesmo os que incorrem nesta falta sem serem da terra do S. Bento da Porta-Aberta:

Continua na 4.ª página

## O novo modelo da Máquina

de Costura «Singer» denominado «401»

(PLANO INCLINADO)

foi ontem apresentada ao Público

Com a presença dos srs. dr. Eugénio Bacelar Ferreira, em representação do Chefe do Distrito, e dos srs. António Maria Santos da Cunha, presidente da Câmara Municipal de Braga; dr. Frutuoso de Melo, delegado do I.N.T.P.; Tenente Aníbal de Brito, comandante interino da P. S. P.; Rev. João de Barros, arcepreste da cidade, que representava o sr. Arcebispo Primaz; António Leitão de Carvalho, Presidente da Comissão Municipal de Turismo; Eng.º Ségismundo Álvares Pereira de Lima, director da Escola Comercial e Industrial, e Narciso Baía, que representava o Grémio do Comércio, além de muitas senhoras, realizou-se a apresentação ao público braguês, na sucursal desta cidade, da nova máquina de

costura «Singer» de Plano Inclinado e designada «401».

As autoridades foram recebidas pelo sr. Horta de Oliveira, gerente em Braga, e pelos inspectores dos Grupos de Braga, Guimarães, Vila Real e Bragança.

Após os cumprimentos, usou da palavra o sr. Horta de Oliveira que, após agradecer a presença das autoridades, lembrou o inventor da primeira máquina de Costura e fez a história da SINGER SEWING MACHINE COMPANY, afirmando que mais de 4.000 modelos foram já apresentados e que, presentemente, estão à disposição do público cerca de dois mil. Depois de ter salientado que a companhia fabrica mais de 8.600 modelos de agulhas para máquinas,

Continua na 4.ª página

## A homenagem ao escritor e regionalista Manuel Boaventura

Constituiu uma verdadeira consagração, como aliás estava previsto, o almoço de homenagem ao escritor regionalista minhoto Manuel de Boaventura, o qual se efectuou, no sábado passado, no frondoso e ridente parque da cidade de Barcelos, para comemorar o cinqüentenário de vida literária do autor dos «Contos do Minho.»

Cerca de duas centenas de admiradores e amigos do homenageado, participaram naquela festa e outros tantos se associaram, em espírito, a tão justa homenagem, conforme telegramas, cartas e outras mensagens de saudação, que foram endereçadas a Manuel de Boaventura,

por pessoas impossibilitadas de tomar parte naquele almoço, não só de todo o País, como até da Galiza.

Presidido pelo conselheiro, Dr. António de Azevedo Abranches, governador Civil de Braga, o repasto decorreu em ambiente de agradável convívio espiritual, a que o bucolismo e a amenidade do cenário verdejante, daquele parque, emprestavam beleza e encanto.

Ladeando o chefe do Distrito, sentaram-se na mesa de honra, à direita, o homenageado, seguindo-se os srs. comendador António Santos da Cunha, presidente da Câmara Municipal de Braga; Adolfo Santos da Cunha, presidente do Grémio do

Comércio de Braga; Prof. dr. Nunes de Oliveira, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional de Barcelos; e dr. Sérgio Pinto, vereador do pelouro da cultura da Câmara Municipal de Braga. À esquerda, tomaram lugar na mesa de honra, os srs: dr. Luís Fernando de Figueiredo, presidente da Câmara Municipal de Barcelos; escritor e advogado, dr. Manuel Anselmo; escritores, drs. Amândio Cesar e José de Melo; e dr. Agostinho Reis, vice-presidente da Câmara Municipal de Esposende e em representação do respectivo presidente.

Os drs. Manuel Anselmo e Amândio Cesar, respectivamente, representaram naquela homenagem, os srs. drs. Veiga de Macedo, Ministro das Corporações e Ramiro Valadão, chefe de serviços de informação do S. N. I.

Noutros lugares da mesa, tomaram lugar, indistintamente, escritores, intelectuais, jornalistas e homens de le-

## O rosário é o breviário do povo

«Levianamente se tem manifestado por vezes, em favor da oração litúrgica (cuja primazia está acima de toda a discussão), certo desdém pela recitação do Terço, como oração monótona e individualista.

«À alma simples na sua Fé e no seu amor bastará a instante recomendação de Nossa Senhora, para compreender e sentir o que ficará oculto a muitos com mais ciência mas menos sentido cristão. Ela atinará como por instinto (é o exercício dos dons do Espírito Santo) que Nossa Senhora e a Igreja aprovam, abençoam, promovem, querem, indulgenciam a devoção do Terço, como preciosa e providencial oração comum.

«É o Rosário chamado justamente o *Breviário do povo*. Como os dos sacerdotes e religiosos, é essencialmente bíblico e até em certo modo litúrgico.

«É bíblico, e (mais precisamente) evangélico, em quanto toma literalmente do Evangelho, com mínimas

alterações, as orações que recita:—o *Pai Nosso*, ensinado pelo Senhor aos Apóstolos; a *Avé Maria*, recitada pelo Arcanjo e por Santa Isabel, como saudação, a

Continua na 4.ª página

Continua na 4.ª página

## Para a peregrinação deste mês

## foi convocado todo o mundo

«Atentos ao apelo do Virgário de Cristo — a, já antes, ao de Nossa Senhora do Rosário de Fátima — reze-mos todos que cremos, esperamos e amamos, reze-mos o Terço durante este mês com especial fervor. E rezêmo-lo como Nossa Senhora nos ensina: na graça de Deus. Não esqueçamos, as últimas palavras de Nossa Senhora do Rosário em Fátima foram estas: *não ofendam mais Nosso Senhor, que já está muito ofendido*.

«Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria, guardião do Santuário de Fátima, convocou o Mundo todo para ir, no próximo dia 12, em peregrinação à Cova da Iria, unindo-se às preocupações e intenções do Papa pela paz. Dir-se-ia que as adivinhara, se elas não fossem constantes: pela paz do Mundo e pelo êxito do Consílio Ecuménico.

«Esta peregrinação deve

(Continua na 4.ª página)

# TRIBUNA AGRÍCOLA

## Algumas considerações a propósito da conservação de frutas

Entre os problemas que maior importância alcançam para o fruticultor de hoje, a conservação da fruta ocupa certamente um dos primeiros lugares.

Todos os países de fruticultura avançada dedicam a este aspecto a maior atenção, possuindo uma adiantada e progressiva técnica de conservação.

No nosso país o assunto começa agora a despertar o interesse do produtor, sendo já apreciável o número dos que estão montando ou pretendem montar instalações apropriadas para a conservação das frutas.

Vêm portanto a propósito algumas considerações que mais ajudem a esclarecer os que se pretendem orientar nestes assuntos.

Como é sabido nos frutos, a colheita, só por si, não acarreta a paralisação dos fenómenos vitais porquanto, à custa das reservas acumuladas, continuam a realizar-se numerosas transformações químicas. No entanto, o complexo fenómeno da maturação não é idêntico, nem tem a mesma duração nas diversas espécies e variedades de fruteiras. Em algumas, os frutos, colhidos depois de «feitos» — ou seja, logo que tenham alcançado o seu completo desenvolvimento — podem amadurecer fóra da árvore, enquanto que, noutras, o fruto completa o seu desenvolvimento e amadurece quase simultaneamente.

A vitalidade dos frutos é principalmente evidenciada, pela sua actividade respiratória traduzida pela absorção do oxigénio de ar com libertação de anidrido carbónico, vapor de água e calor. Em virtude de complexas reacções químicas, com predomínio das de carácter enzimático, vão gradualmente surgindo, nos frutos, variadas transformações. O teor em ácidos (málico, tartárico e cítrico etc.) diminui com o amadurecimento, enquanto o dos açúcares, provindo da transformação do amido, vai aumentando. O açúcar predominante é a sacarose, seguindo-se os açúcares redutores. Em maçãs e peras o total de açúcar é cerca de 18%. O amolecimento dos tecidos durante a maturação, deve-se a transformações sofridas pelas substâncias pecticas, ao mesmo tempo que a clorofila vai desaparecendo, sendo substituída por uma substância vermelha complexa. Diversas substâncias voláteis libertadas na última fase da maturação, são responsáveis pelo odor

típico dos frutos maduros.

Não falando no fabrico de conservas e compotas, nos métodos de secagem etc., em que os frutos são alterados perdendo as suas características, o objectivo fundamental dos métodos de conservação é a criação de condições ambientais que tornem latente o fenómeno da maturação tornando menos intensas ou protelando, determinadas reacções químicas.

Vários agentes podem proporcionar as condições adversas que determinam essa paragem de fenómenos biológicos da maturação.

No sector da química numerosas substâncias têm sido ensaiadas, umas com melhores resultados do que outras. Pela acção de alguns agentes químicos é criada uma atmosfera artificial em que é diminuído para cerca de 5% o teor de oxigénio que normalmente orça por 20%, ou em que se eleva para 10% o teor da atmosfera em anidrido carbónico. Estes métodos não são aplicáveis em todos os casos dado que, por exemplo em certas variedades a

polpa pode escurecer e tornar-se farinhenta na presença de quantidade elevada de anidrido carbónico.

A aplicação de «ceras», vai hoje tomando também certo incremento.

O frio é porém entre todos os agentes capazes de retardarem a maturação o mais generalizado e o que neste sector maior interesse pode oferecer.

O frio utilizado na conservação pode ser natural ou artificial. Como a aplicação do frio natural apresenta numerosas restrições, o frio artificial tem vasta utilização, nos países onde a fruticultura atingiu pleno desenvolvimento.

Nos métodos de conservação fundamentados no frio artificial, distinguem-se os de congelamento e os de refrigeração.

### «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

## SE...

Se vês tombar um dia o que ergueste de nobre Na vida, e recomeças logo a construir.  
Se arriskas tudo numa carta e ficas pobre,  
Mas continuas a sorrir.  
Se consegues amar e não te apaixonares  
Ser forte e não deixar de ser sentimental,  
Se te sentes odiado e nem por isso odiares,  
Mas defenderes o teu ideal;

Se podes suportar as tuas melhores frases  
Sofram deturpações ou sirvam de entremez;  
Se, ouvindo sobre ti mentiras contumazes,  
Tu não mentires uma só vez;  
Se podes ser modesto entre os aplausos vão,  
Acompanhar os Reis e os simples simplesmente,  
E se podes tratar a todos como irmãos  
Não confiando em toda a gente;

Se podes contemplar a ciência face a face,  
Sem renegar a Fé nem ser demolidor.  
Sonhar sem permitir que o sonho te embarace  
Pensar sem ser um pensador;  
Se consegues ser duro e ser calmo sem custo  
Ser valente sem fúria e sem temeridade  
Se sabes ser bondoso e, ao mesmo tempo, justo,  
Sem tibieza nem vaidade;

Se podes transformar em triunfo a derrota  
E olhar as duas iluzões de igual maneira  
Manter no mar bravio a tua própria rota  
Entre a dúvida e a cegueira;  
Então os príncipes os deuses e a vitória  
Consentirão que as tuas mãos o mundo tomem,  
E, acima da realeza e da mais pura glória,  
Meu filho, tu serás um Homem!

(Tradução da versão francesa de Maurois)

## AGENDA DO LAVRADOR

### Nos Campos

— Continuam as sementeiras de cereais de Inverno, de centeio, trigo, aveias e leguminosas. Convém que estas últimas sejam semeadas cedo, para que cedo deitem vagem, e, se sobrevierem secas que tragam o «piolho», já não as danifiquem. Enterram-se os adubos verdes, semeados em Junho, e distribuem-se os estrumes e outros adubos. Dedicar especiais cuidados aos estrumes, cuja produção se pode aumentar e melhorar recorrendo à palha, mato e outros detritos. Colhem-se as últimas espigas do milho, corta-se e recolhe-se a palha do mesmo. Aproveitar as «camisas» das maçarocas (folhelho) para dar no Inverno aos animais. Semear cereais praganos, como trigo, centeio, aveia e cevada, e leguminosas de grão tanto para alimentação humana como dos animais: forrageiras, ervilhaca, garroba, trevos, misturas. Semear ainda linho, nabos e ervilhas.

### Nos Pomares

— Termina a colheita da fruta seca de Inverno, e em geral de toda a fruta dos pomares. Principia ou continua a da castanha. Apanhada a fruta, limpam-se as árvores. Abrem-se covas para as plantações de Novembro, ou até deste mês. Começa ou continua a colheita da azeitona verde para conserva, e da que caiu no chão, que serve para azeite de lubrificação.

### Nas Vinhas

— Terminam as vindimas nas regiões onde a maturação da uva é mais tardia. Abrem-se valas ou covas entre as carreiras de cepas par enterar matos, ramos ou estrumes. Nos sítios onde se receiam gelos ou frios intensos, pode começar-se a poda.

### Nas Hortas

— Desmancham-se os alfofres que estejam nus de plantas, para os preparar de novo com estrumes vivos: cavam-se os talhões onde não haja plantas e estrumam-se bem. As regas vão-se tornando inúteis. Semear neste mês agriões, alfices de cortar e repolhudas, bróculos, cebolas, cenouras, coentros, várias couves, ervilhas, espinaíres, favas, morangos, nabos, rabanetes, rábano, repolhos e salsa. Plantar quase toda a espécie de hortaliça, e ainda morangueiros especialmente nos terrenos secos.

### Nos Jardins

— Começam neste mês a florir os crisântemos. Podem-se em geral semear todas as flores indicadas em Setembro, mas quase todas devem terminar este mês. De bolho ou de raiz, plantar açucenas, amaríliques, beladonas, anémonas, jacintos, junquinhos, narcisos, rainúnculos e tulipas. Dispõem-se os craveiros, plantam-se roseiras e mudam-se para vasos as estacas enraizadas que carecem de abrigo.

### Nas Adegas

— Prossegue a fabricação do vinho. O antigo fabrico do vinho em que os lagareiros pisavam a massa vinária sem descanso durante 24 horas, deve ser banida por anti-higiénico e stujo. É preferível preparar o vinho recalçando a massa com instrumentos próprios, e a espaços regulares.

### Na Capoeira

— As galinhas, terminada a muda, começam a pôr. Mas com a diminuição das horas diurnas alimentam-se menos dos que nas estações anteriores, e põem menos. Remedeia-se isto iluminando o galinheiro durante a noite e estabelecendo-lhes boas referências nocturnas.



COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO,

FUNDADA EM 1835

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência

Ofícios

Do Director Escolar do Distrito de Braga, informando que o salão dos Bombeiros Voluntários de Amares pode ser aceite para fins escolares desde que seja dotado de instalações sanitárias separadas para professor e alunos e ainda que seja devidamente resguardada a escada e o patamar de acesso ao salão bem como do seguinte mobiliário e material didáctico: Carteiras para um mínimo de 40 alunos, mesa e cadeira para o professor; mesa para trabalho dos alunos, quadro preto da superfície não inferior a 1,20m por 0,90m, balança ordinária e colecção de pesos e medidas, colecção de sólidos geométricos; mapas de Portugal Continental e do Império Português, fotografias dos Senhores Presidente da República e do Concelho, Bandeira Nacional, Crucifixo do modelo oficial.

Da Junta de Freguesia de Bouro, informando que os proprietários do lugar de Paradela daquela freguesia, estão prevenidos para auxiliarem com todos os materiais para reparação do caminho público daquele lugar.

Da Junta de Freguesia de Besteiros, pedindo que esta Câmara mande proceder à elaboração do projecto a fim de ser pedida a participação do Estado para o alargamento e construção dos muros.

Da Junta de Freguesia de Caires, informando que aquela Junta se compromete colocar todos os materiais necessários para reparação dos seguintes caminhos: Caminho do lugar do Outeiro ao Sobrado, do lugar de Penas ao lugar da Cruz e do caminho do lugar da Cal à Igreja.

Da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, Lisboa, informando que o assunto de falta de água no Rio Cávado por paralização da Central de Caniçada foi tratado directamente com o Director dos Serviços Técnicos da Hidro Eléctrica do Cávado que lhe informou que a barragem estava a lançar, presentemente, um caudal de 300 l/s ao Rio Cávado por bombagem.

Do Engenheiro Fritz Hoesen remetendo três exemplares do projecto de Lago, devidamente rectificado no tocante ao Orçamento, tendo em conta a substituição dos postes com um esforço a cabeça superior a 200 kg por outros com esta carga limite.

Do Engenheiro Fritz Hoesen, Porto, remetendo o projecto da rede de Lago e 2 projectos referentes às ampliações da rede de Prozelos.

Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular da Direcção Geral de Administração Política e Civil n.º 2-1-16, L.º 13, 1.ª Repartição, informando que o Dr. Manuel Cruz Abecassis, casado, natural do concelho de Fafe e residente na cidade de Lisboa, se encontra abrangido pelas disposições do § 2.º do Art.º 620 do Código Administrativo por ter rejeitado o lugar de médico pediatra dos serviços materno infantis da Junta Distrital de Lisboa.

Requerimentos de Doentes

Foram presentes à Ex.ma Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares, deferidos pelo Senhor Presidente da Câmara: Rosa Pimenta Vieira, de Prozelos, Maria Conceição da Silva, de Rendufe, Manuel Brandão, de Caires, Maria Joaquina da Silva, de Lago, Carlos da Costa, de Caires, Elvira Rosa de Araújo, de Portela, Alzira Pereira, de Prozelos, Mariana Alves Teixeira, de Lago, Lucinda Soares da Cunha, de Fiscal.

Requerimentos de Electricidade

Foi presente à Ex.ma Câmara o requerimento de Maria Jesus da Cunha Gonçalves, de Amares, pedindo a ligação da instalação eléctrica da casa do Bairro desta Câmara, n.º 1-A que habita, à rede pública. — Deferido

Requerimento de Água

Foi presente à Ex.ma Câmara o requerimento de Maria do Alívio da Silva Melo, de Ferreiros, pedindo a ligação da instalação de Abastecimento de água ao prédio que habita à rede pública. — Deferido

## Vida elegante

### Aniversários

Fazem anos:

Hoje — a menina Maria João Calheiros Marques e o Snr. António José Machado.

Amanhã — a Sra D. Judite Mendes Tomé e Maria Isabel Dias.

Dia 10 — a menina Teresa Arantes Menezes e o snr José da Conceição Martins Vitoriano.

Dia 11 — o snr. Comendador Augusto Ferreira Arantes.

Dia 13 — o menino António Alberto Dias Monteiro e o snr. Manuel Dias Magalhães.

\* \* \*

Passou no dia 3 do corrente, o aniversário natalício da Senhora D. Carolina A. de Macedo, esposa do nosso estimado amigo snr. Felisberto Barbosa de Macedo, residentes na América do Norte.

O aniversário de casamento deste simpático par também passou recentemente. Por ambos os acontecimentos os nossos parabéns e desejo de felicidades.

### Para o Canadá

Partiu para o Canadá, no passado dia 12 de Setembro, a Sra. D. Laura do Vale Machado, dedicada esposa do Snr. Domingos Machado que há bastante tempo aguarda a sua chegada.

Tribuna Livre faz votos por uma boa viagem, bem como muitas felicidades na companhia de seu marido.

\* \* \*

Passa no próximo dia 12, o seu aniversário natalício a Sra. D. Laura do Vale Machado, esposa do nosso conterrâneo e amigo Snr. Domingos Machado, ambos ausentes no Canadá.

Que este aniversário seja passado na mais sólida alegria são os votos sinceros de sua mãe Eva Machado e Filhos.

### CARRAZEDO

Passa hoje o seu aniversário natalício o nosso particular amigo Senhor Manuel Pereira Lopes, filho de Senhor Eusébio Exposto, competente construtor civil, devidamente diplomado.

Requerimentos Diversos

De João Soares da Rocha Gama, da Torre, pedindo autorização para ser ligada à rede pública desta Câmara a instalação eléctrica das ornamentações da festa a realizar em Honra de N.ª Senhora da Assunção. — Deferido

De António de Azevedo de Sá Coutinho, Tesoureiro Municipal, pedindo cinco dias de licença graciosa. — Deferido

## CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

As notícias de hoje começam pelo dia a dia paroquial.

Falecimento

Morreu Maria José de Almeida Fontes, mais vulgarmente conhecida pelo nome de «Freira». Dizem que foi o próprio pai quem lhe pôs este apelido. Seja como for era uma pessoa de bem e era a pessoa mais velha da freguesia, pois completou neste mês 89 anos.

A morte encontrou-a a esfolhar milho, com os filhos, provocou-lhe uma hemorragia cerebral e, cerca de 2 horas e meia depois, estava na eternidade.

Não te impressiona o modo como vive a maior parte da gente, mesmo diante de desenlaces bruscos e fatais como este?

Baptizados

No dia 25 de Setembro baptizou-se Carlos Alberto Gomes de Araújo, nascido na paróquia de S. José, da cidade de Lisboa, filho dos Senhores

António Antunes de Araújo e D. Laurinda Gomes de Araújo, comerciantes abastados em Lisboa. Foram padrinhos Otelo da Silva Casais e D. Celeste da Conceição Graça Casais, também comerciantes em Lisboa.

Não repares no facto de este baptizado se fazer aqui. Os pais do neófito têm cinco residências, uma das quais é em Lago.

No mesmo dia 25 baptizou-se Maria da Glória Leite Teixeira, filha dos Senhores Artur Machado Teixeira e Luzia Ferreira Leite. Foram padrinhos Manuel de Jesus Soares, aluno de Teologia, no Seminário de Braga, e Luzia de Jesus Soares Lopes, ambos de Lago e primos do neófito.

Em dois de Outubro baptizou-se Emília da Glória Soares Pires, filha dos Senhores Constantino Lopes Pires e Adelaida dos Anjos Ferreira Soares. Foram padrinhos José Soares Lopes e

Continua na 4.ª página

## CAIRES

Mês do Rosário

Todos os dias às 17 horas, se realiza na Igreja de Caires o piedoso exercício deste mês de Outubro, dedicado a honrar o Santo Rosário de Nossa Senhora. O Altar lindo da Senhora de Fátima está belamente ornamentado e profusamente iluminado e são-lhe entoados maviosos cânticos,

### CONVITE

A Comissão cessante de Festas a Santo António, tem a honra de convidar o público em geral para tomar parte numa reunião a efectuar em 9-10-960, pelas 10h e 30m na sua nova sede, a fim de se proceder à eleição e empossamento de novos elementos da Comissão de Festas de 1961.

Agradece

O Secretário Geral

Por tão faustosa data, lhe enviamos os nossos maiores cumprimentos, e que esta data se repita muitas vezes.

Um Amigo

tudo de preparação para os próximos dias 12 e 13 em que se realizarão actos do culto especiais.

Procissão de S. Pedro

Devido ao mau tempo, ficou adiada para o dia 16 do corrente, a procissão de penitência da Igreja de Caires ao monte de S. Pedro Fins. Espera-se a maior concorrência de fieis. Lá no alto, após as cerimónias religiosas deveremos proceder a uma especial reunião de proprietários afim de se resolver a forma mais prática de se estudar o local certo, por onde deve ser aberta a estrada que liga a Geira ao Alto da Capelinha, já recebemos três sugestões.

Estudantes

Para o Seminário de Leiria, partiram os nossos bravos rapazes: José Daniel de Almeida Borges, Januário Píndero, Francisco Pereira Alves e Domingos da Rocha Brandão, para o Colégio de Montariol o António da Mota Gonçalves e para o Seminário da Falperra, o António Augusto de Freitas Lima Dias e o Adriano José Gonçalves da Silva, (de Besteiros); para Fraião, o Amaro José de Freitas Lima Dias. Para Fátima, estão em preparativos, outros estudantes esperançosos a quem desejamos um futuro muito feliz.

Continua na 4.ª página

## LAGO

(Continuação da 3.ª página)

Emília da Glória Lopes, ambos de Lago.

No mesmo dia 2 de Outubro recebeu o baptismo Joaquim de Oliveira Pereira, filho dos Senhores Avelino Pereira e Glória Lopes de Oliveira. Foram padrinhos os Senhores Joaquim de Oliveira e Carmen Martin. aquele português e esta espanhola mas domiciliados em França e actualmente a residir em Palmeira. E, por hoje, é tudo.

## Roubos

Não sou polícia e não tenho missão de acusar ninguém. Contudo entendo que devemos trabalhar todos no sentido de fazer desaparecer os amigos do alheio. O pior é faltarem as coisas e não se adivinhar quem são os gatunos.

Posso dizer-te que, apesar de haver ainda uvas e castanhas, feijões e milho nos campos e nas eiras, ouvi duas donas de casa lamentarem-se de lhes terem assaltado as capoeiras. Não sei, mas é possível haver mais queixosos.

Perguntarás quem são os gatunos, e eu direi apenas que são gulosos e preguiçosos a gastarem mais do que ganham em comensinas e passeios.

Estamos numa época em que os homens não pensam no dia de amanhã. São capazes de fazer uma digressão turística de centenas de quilómetros e no fim organizar uma subscrição para pagar ao armador o caixão do pai ou filho que lhes morreu! Podes crer que é verdade, mas, é um despendimento vicioso.

## J. Martinho

Vai organizar-se aqui uma

feita a São Martinho. Como sabes é o Orago da freguesia de Lago.

Pois a Comissão resolveu organizar a festa de uma forma curiosa, no dia 11, uma feira de gado, franca, se as autoridades se não opuserem, e no dia 13, domingo a festa religiosa. Claro que me refiro a 11 e 13 de Novembro... A feira terá o nome de feira de São Martinho e realizar-se-á na avenida e largos que circundam o adro da Igreja paroquial.

Poderão tomar parte nela todos os animais domésticos e poderão fazer-se negócios, como é natural. Haverá prémios pecuniários, valiosos a dar aos proprietários dos melhores exemplares apresentados e podem entrar neste certame não só os lavradores de Lago mas também os lavradores de outras freguesias de Braga, Vila Verde e Am. res. Como se trata de um número puramente civil é natural que apareçam gaiatas de fole, Zes-pereiras, cabecudos—(e há tantos)—Gigantones e... sei lá o que haverá ainda mais!

Não te falo hoje da ordem dos prémios por falta de espaço e tempo; mas, brevemente verás o programa.

No dia 13, a festa será essencialmente religiosa pois consta de comunhão geral — há o confesso do Jubileu das Almas na véspera — missa cantada solene e sermão e, finalmente, à tarde procissão tudo em honra de São Martinho. Ia-me esquecendo de te falar na novena que se fará também com o maior esplendor para que todos meditem e aproveitem o valor taumaturgo e as virtudes do grande bispo — S. Martinho.

Dispõe do teu: J. Moreira

## Sem Pátria nem Lar

Na vida sozinho, sozinho no mundo,  
Mar largo sem fundo do meu peregrinar,  
Caminho sem rumo gemendo baixinho  
Velando a Saudade no longo caminho  
Por mim pobrezinho, sem pátria, sem lar!

No duro silêncio do imenso deserto,  
C'o meu peito aberto suspiro de dor!  
Respondem-me apenas as urzes dos montes,  
As aves da selva, as águas das fontes,  
Mas todos m'escondem o Reino do Amor!

Pergunto às boninas, exangue, sem forças,  
A mesma indiferença, a mesma ignorância!  
Caminho; caminho n'obscuridade  
Do mundo, da vida, e a Eternidade  
Não surge, não cede, mantendo a distância!

Chamando p'la vida, fugindo da morte,  
Maldizendo a sorte, caminho ao desdém!  
Chamando p'la morte, fugindo da vida,  
Sou flor violada, sou folha caída,  
Só 'spero guarida nas sombras do além!

E nesta saudade daquilo que foge,  
Ao peso do alforge do peregrinar,  
Expira nas trevas o desiludido,  
O escravo da vida, o eterno esquecido  
Sucumbe vencido sem pátria nem lar!

Prado, Setembro de 1960

Gota d'Orvalho.

## CAIRES

(Continuação da 3.ª página)

## Para a França

Na passada 5.ª feira partiu para a França, a Senhora D. Maria das Dores Gonçalves, para aí viver com seu Marido o Senhor Manuel Brandão Pinheiro a quem desejamos uma óptima Viagem e muitas felicidades e a toda a família.

## Nascimentos

O Lar do Senhor José Baptista está em festa, por lhe nascer mais uma menina; mãe e filha, estão bem; felicidades a todos: o mesmo sucedeu ao Lar do Senhor Domingos Antunes de Almeida, em Luanda. Muitas felicidades.

## Aniversários Natalícios

No dia 6 de Outubro festejou o seu aniversário natalício a Senhora D. Idalina de Araujo e Silva, esposa do Senhor Dr. Tomaz Gonçalves de Andrade — de Besteiros. — No dia 7 o Senhor Plácio Antunes de Almeida — de Luanda. No dia 9 a Senhora D. Julita Mendes Tomé — dia 10 a menina Ana Silva de Andrade — da Casa de S. to António.

Dia 11 — o Rev. Abade de S. ta Marta de Bouro, P. e Armando Amadeu Barreto Marques — e o nossa célebre Comendador Augusto Ferreira Arantes. A todos desejamos uma longa vida e muitas felicidades no Senhor.

## O rosário é o breviário do povo

Continuação da 1.ª página

Nossa Senhora; e a *Santa Maria*, tirada de S. Bernardino de Sena.

«É ainda evangélico, em quanto os mistérios recordam os passos principais da vida do Senhor, desde a *Anunciação* até à *Ressurreição* e glorificação final. Todo o ano Litúrgico está resumido nos três terços do Rosário. Que é o Rosário? No fundo só isto: o Evangelho rezado e meditado.

«E o Evangelho rezado e meditado aos pés da Santíssima Virgem Mãe do Salvador. Quem melhor que Ela nos poderá ensinar interiormente sobre os mistérios de Jesus? Não é Ela chamada o *Spiculum iustitiae*, o perfeito, o puríssimo Espelho?

«Se o *Breviário* é a oração de um escol, de pessoas especialmente preparadas e consagradas, neste sentido uma oração aristocrática, o Terço é por excelência a oração do povo, e até, tomando a expressão tanto do gosto do Senhor, dos *pobres*: — dos pequeninos, dos ignorantes, dos doentes, dos que não têm tempo, dos que não sabem ou julgam que não sabem orar. Orações simples (mas ditas pelo Senhor, pelo Arcanjo e

## O Novo Modelo da Máquina

## de Costura «SINGER»

(Continuação da 1.ª página)

acentuou que a «401» está protegida internacionalmente por 14 patentes e que já foram pedidas mais doze.

Perante a admiração de todos os presentes, o sr. Horta de Oliveira, salientou: é esta a única máquina com bobina à frente, sistema rotativo, facilmente removível e amplamente iluminada pela luz incluída, com «olho óptico». É ainda a única máquina com elevador da chapa de agulha, uma forma rápida de mudar de costura vulgar para cerzir, remendar, fazer monogramas, pregar botões ou bordar. Tem ainda diagramas incluídos, de enfiamentos e de pontos, o que facilita ao máximo o trabalho da operadora. Possui, também uma característica importantíssima, que é o gancho à prova de empastamento e alavaaca de controle da linha.

Possue ainda a importantíssima particularidade de trabalhar com a agulha vulgar de costura e, para costuras duplas, tanto a direito como a ziguezague, basta colocar mais uma destas agulhas.

Também possui um corta linha incluído na barra do calcador, tipo segurança e de fácil acesso.

O caneleiro, por sua vez, é

simples e de construção interna e a pintura desta máquina é feita pelo processo eléctrico-estático que, pela primeira vez, na Europa, se aplica em máquinas de costura.

Os srs. dr. Eugénio Bacelar Ferreira, em nome do sr. Governador Civil agradeceu o convite e felicitou a companhia pela enovação, e o presidente da Câmara Municipal regozijou-se pelo modo como a «Singer» é apresentada em Braga — o que completa, assim, afirmou, os bons serviços que a Companhia vem prestando ao País.

Os presentes foram, depois, obsequiados com um «cocktail», tendo o sr. Horta de Oliveira, no final, lido o seguinte telegrama:

«Neste dia glorioso para nossa Companhia, saúdo laboriosa população Braga ao entregar-lhe maravilhosa Máquina 401 (Plano Inclinado). Agradeço e reconheço a presença entidades oficiais, eclesiásticas e imprensa e abraço entusiasticamente todo o nosso querido pessoal com certeza antecipada sua dedicação e energia para obtenção mais um verdadeiro sucesso família Singer Portuguesa. Eduardo Nery, Director Geral em Portugal.

## Para a Peregrinação deste mês

## foi convocado todo o mundo

Continuação da 1.ª página

ser — como deveriam ser todas — de oração e penitência. Digamos, peregrinação segundo o estilo de Fátima: penitência do corpo e purificação da alma, sacrifici-

pelos Santos), que todos podem aprender e recitar; imagens transparentes como cristal, acessíveis a toda a classe de espíritos, como o Presépio, a Cruz, a Ressurreição, todas as cenas da vida do Senhor, que entram no espírito e no coração como o sol, sem esforço, sem cansaço.

«Que melhor oração comunitária? Ela supõe o diálogo de um côro. É a oração por excelência da família, da igreja nas devoções piedosas, das concentrações associativas, dos peregrinos através das jornadas.

«Sem deixar nunca de ser a oração individual de todas as horas, as horas ferrosas e as outras, as horas que sobram, as horas que não consentem concentração, as horas do cansaço, as horas que pedem a música dormiente de um cântico de mãe.

cio das comodidades, sacrifício do sono, sacrifício do silêncio, sacrifício da caridade, sacrifício da oração. Que nesse dia e no seguinte, em todos os caminhos do Patriarcado a até de Portugal, nos combóios, nas camionetas, nos automóveis, nos grupos de peregrinos, se ouça sòmente repetida, unânime, ardente, a oração pedida por Nossa Senhora: o Rosário.

«E não seja só nesses dias mas em todos; que não haja igreja ou capela, nem família cristã ou comunidade de fiéis, onde deixe de se rezar colectivamente o Terço.

«Entregamos com confiança esta cruzada aos Nossos Reverendos Párcos e Capelães. Seja esta nossa Carta Pastoral lida e comentada durante este mês de Outubro, à estação da Missa dominical e por ocasião do quotidiano exercício piedoso da tarde. E nas igrejas e dapeles em que não haja sacerdotes para presidir à recitação do Terço, proveja-se a que alguma pessoa piedosa congregue o povo à hora certa e dirija a oração comum».

## Visado pela C. Censura

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 77

(CONTINUAÇÃO)

depois o de N. Senhora das Angústias, com a característica imagem vestida e muito antiga; finalmente o de S.to António, que tem aos pés curiosa escultura de madeira, em alto relevo, e representa o tradicional quadro das Almas, às quais foi, sem dúvida, primitivamente dedidado este altar.

Em seu devido lugar a pia baptismal, de forma octogonal, metida em pequeno arco, por baixo do côro. Do lado oposto, à direita de quem entra, noutra arco, fazendo simetria, está o «Senhor preso à coluna».

Está ela a igreja, sobre pequena elevação onde se torna bem visível da margem oposta do Homem. Ao lado, a nascente, o cemitério construído em 1929, segundo a data que tem no gradeamento do portão.

Da extinta confraria de N. Senhora do Rosário existem no arquivo paroquial os respectivos estatutos, onde se vê que foi erecta em 1759.

Igualmente manuscritos, e ainda com iluminuras, os *Estatutos da Veneravel e Ilustre Irmandade de Santo António e Almas sita na Parochial Igreja de S. Mamede de Cibões concelho de Piqua de Regalados — Instituída pelo Reverendo Abade António de Lima Barreto e com alguns de seus fregueses em o Anno de 1742.*

Continua em actividade e com esplendor.

A confraria do S.S. Sacramento também se conserva em exercício.

Tem algumas alfaias do culto preciosas, como seja um rico ostensório de prata e uma cruz paroquial do mesmo metal, adquirida em 1943, destinada principalmente à visita pascal.

A freguesia de Sibões possui residência e passal próprios.

Aqui defronte, em sítio ameno e aprazível do fundo desta Ribeira, rebentam do colosso montanhoso as salutíferas *Aguas do Fastio* outrora divulgadas e conhecidas como específicas águas de mesa; há muito, porém, abandonadas.

Não admira que algum dia elas conquistassem renome, pois que o ventre da terra que as produz há-de ser fecundo de todas as propriedades minerais mais que competentes para lhes ministrar as qualidades digestivas e terapêuticas de que gozaram.

O que admira é que as águas de outras fontes, até bem distantes e talvez menos ricas, porque são eficazmente reclamadas, invadam os mercados e atinjam uma Zona de influência onde existem os mananciais das águas mais finas e apetecidas. Admira que a um tempo que todos os dons da Natureza vão sendo sabiamente explorados pelo homem, e em seu proveito e defesa, não se tomem iniciativas para de novo divulgar e valorizar esta fonte de riqueza, que inalteravelmente conserva o valor em si mesma e não precisa.

Há destes produtos que se recomendam por si mesmos e pela natureza da mãe que os gerou em suas entranhas. Estão nesta conta Gerês e Cadelas que não precisaram de subtilidades de reclame para se imporem e alcançarem o geral e até universal conceito dos muitos benefícios que proporcionam a todos quantos as procuram.

De uma irmandade nem todas as filhas ficam em casa à espera que as pretendam e procurem. As «Aguas do Fastio» suas irmãs gêmeas, seriam de outra tanta utilidade, se as levassem a muita parte onde, sem dúvida, teriam direito a justo apreço.

Continuando a descer pela encosta, encontra-se, assente em terreno igualmente acidentado da margem direita do Homem, e pertencente ainda ao concelho de Terras de Bouro, se bem que nenhuma destas três freguesias se situem propriamente na periferia dos montes deste nome — Bouro — mas sim nos limites da Amarela e de Aboim, a última de que vai tratar-se

### GONDORIS

São concordes os entendidos que o nome lhe proveio de Gunderic, genitivo de posse de *Gundericus*, de origem visigótica. Com efeito aqui existiu uma torre que deu por sua vez o nome ao lugar de *Gardenha*; e, se não foi ela a nobre residência do Senhor da primitiva *villa de Gunderico*, certamente o foi de algum seu descendente ou *gandingo* que era o indivíduo destacado da *raca goda* que por

(Continua no próximo número)

## TRIBUNA DE VIEIRA

### Carta de Ruivães

O senhor K. não deve querer-nos mal por tantas vezes nos termos referido à sua grotesca pessoa.

Não é por simpatia que o temos feito, mas sim pelo asco que nos causa a sua arrogância, o seu petulante cinismo, e a sua mania intempestiva e provocadora.

Na conferência da Onu, que está decorrendo na América do Norte, o senhor K., quando Mac Millan falava, dava murros na mesa, escoicinhava, fazia carêtas, como os bebés quando lhes dão o remédio das bichas, a ponto de haver sido chamado à ordem pelo ilustre Presidente da Assembleia.

E quando é o Senhor K. a falar, dá palmas a si próprio, possivelmente para vêr se contagia os que têm o mau gosto de o ouvir, e lança-se desalmadamente no campo do insulto e da diatribe, sem se revelar constrativo, sem pôr nas suas afirmações aquele cunho de verdade, que é indispensável a quem pretende ser acreditado.

Porque não está o senhor K. muito quietinho no lugar que lhe é destinado, mostrando-se sereno, equilibrado e justo?

Para que estraga as alcáftas da sala em que decorrem as sessões da Onu, batendo o pézinho, para pôr medo?

Esta sua atitude de pessoa descortês e petulante trouxe-nos agora à lembrança um episódio espirituoso ocorrido, há muitos anos, em Guimarães, no julgamento de um réu acusado de haver assassinado o Francisco Apa.

Era no tempo dos jurados e o Dr. Afonso Costa, grande causídico e de espírito afinado, chamou a atenção dos jurados «para as contradições do depoimento» que estava fazendo sandorinismo Cónego José Maria Gomes, que era sarcasmo, sempre, nas suas

respostas, quando o picassem, dizendo o Dr. Afonso Costa:

— «Chamo a atenção de Vossas Excelências, senhores jurados, para o chorrilho e incongruências desta testemunha, que agora dá uma no cravo, ora dá outra na ferradura.»

O Cónego José Maria Gomes, imperturbável e contendente, volta-se para o Dr. Afonso Costa e diz-lhe: «A culpa não é minha; é de V. Ex.cia., que ainda aí não parou quieto com as patas.»

O advogado do réu, por demais habituado às lides do fóro ficando enfiado que nem uma irmã de caridade, quando a Madre Superiora a surpreende a comer doce fora de horas.

É pena que na Conferência da Onu não esteja um Cónego José Maria Gomes, para dizer o mesmo ao Senhor K.

O que é que este fogoso propagandista tem com as nossas províncias ultramarinas, que nós descobrimos, que nós arrancam á barba, que sempre procuramos civilizar cristãmente, concedendo aos seus nativos os mesmos direitos e regalias inerentes aos nossos continentais?

Nós não azorragamos, não deportamos para a Sibéria, não prezilamos, não pomos nas ruas e nas praças os carros tanques para assassinar com as suas metralhadoras os patriotas que, como os húngaros, querem liberdade em vez de tirania, daquela tirania que da Rússia se exporta em larga e escandalosa escala?

Que autoridade tem a Rússia para vir ao tablado das conferências internacionais, verter a lágrima de crocodilo, com muita pena de que povos ainda não preparados para o auto-determinação não se governem a si próprios e... não lhe caia nas garras?

O Brasil é um exemplo vivo das excepcionais qualidades administrativas e civilizadoras dos portugueses.

Será amanhã, sem dúvida, o maior país do Mundo, pelas suas riquezas naturais, pela inteligência dos seus filhos e pelo asco que sente pelas doutrinas subversivas que o senhor K. para lá tem querido exportar.

Pois olhe que o Brasil é obra nossa, senhor K., foi descoberto por nós, foi civilizado por nós, e esse grande, esse incensurável país ainda hoje se orgulha de ser obra de Portugal, como na altura própria hão-de orgulhar-se as nossas províncias ultramarinas, por muito que isso fere ao Senhor K.

Que autoridade tem este estadista para censurar, se ele é o primeiro a escarnecer os direitos dos povos civilizadíssimos, negando-lhes a independência, como sucede à Alemanha oriental?

O Senhor K. não encara os problemas internacionais com espírito de justiça, nem procura solução para os mesmos, não obstante saber bem que está provocando uma nova guerra.

O que pretende é confundir, é amesquinhar, é provocar, é bater com os pés e com as mãos, mas cautela, senhor K.

Olhe que bem pode suceder o santo revoltar-se contra a esmola...

Ruivães, 2/x.º/1960

TRIBUNA LIVRE  
é distribuída em Braga  
no Quiosque Central,  
Largo do Barão de São  
Martinho

Visado pela censura

## Empresa Predial do Infante, L.<sup>da</sup>

45, RUA DAS TRINAS, 47

TELEFONE N.º 40661

GUIMARÃES

TELEGRAMAS INFANTE

COMPRA — VENDE — HIPOTECA PROPRIEDADES HIPOTECAS S/ AUTOMÓVEIS

Toma a seu cargo a administração de Propriedades em qualquer parte do País. Todas as transacções sobre 1.ª Hipotecas em Propriedades são feitas aos juros de 8,0% e pagos adiantadamente aos anos, sendo da nossa responsabilidade a eficiência da Transacção. Tratamos de toda a documentação, Registos, etc. Nada cobramos de comissão aos Capitalistas.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

TRATAMOS TODOS OS ASSUNTOS FISCAIS

Acceptamos avenças anuais para tratar todos os assuntos Fiscais junto das Repartições.

DIRECTORES:

{ Francisco de Assis Ferreira Pulido de Almeida  
{ Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.

## A HOMENAGEM AO ESCRITOR REGIONALISTA

### MANUEL BOAVENTURA

(Continuação da 1.ª página)

tras, não só do Minho como doutros pontos do país. Uma nota de elegância a emoldurar o ambiente, dava-o o numeroso conjunto de senhoras que ali se encontravam.

Aos brindes, em calorosas, saudações, exaltando a vida e obra literária de Manuel de Boaventura, usaram da palavra, os srs. drs. Fernando de Figueiredo, Agostinho Reis, Taborda de Vasconcelos, Luso Soares, José de Melo, Sobral Torres, Amândio Cesar e Manuel Anselmo; eng. Artur Castilho; jornalistas Jerónimo de Castro e Gomes da Costa; escritor barcelense António Baptista; comendador António Santos da Cunha e, finalmente, o sr. Governador Civil do Distrito. Todos os oradores foram calorosamente aplaudidos, pelas judiciosas e justas afirmações que fizeram, quanto ao apreço e estima de que goza Manuel de Boaventura, como escritor regionalista e um dos maiores contistas contemporâneos portugueses e como «homem bom» e espírito lhaño e afável.

No decurso dos brindes, um grupo de gentis senhoras esposendenses abeirou-se da mesa da presidência e fez entrega ao escritor Manuel de Boaventura dum lindíssimo ramo de flores, o que provocou calorosa e prolongada ovação por parte de todos os circunstantes. Ao mesmo tempo e também sublinhado por estrondosos aplausos, assistiu-se ao desfile por aquele recinto, da Ronda de Vila-Chã, interessante e artístico conjunto folclórico, de que foi fundador e é director artístico e grande impulsor, Manuel de Boaventura.

Este, após o discurso do Sr. Dr. António Abranches, chefe do Distrito, levantou-se para falar e agradecer a todos as palavras de justa admiração que lhe haviam dirigido. Aplausos prolongados e quentes, acolheram o homenageado ao iniciar o uso da palavra.

Visivelmente emocionado, mestre Manuel de Boaventura pronunciou então um interessante discurso, que foi frequentemente interrompido por inúmeras salvas de palmas.

### Palavras de Manuel de Boaventura

«Senhor Governador Civil. Minhas Senhoras, Senhores e Amigos meus:

O corajoso Editor, Snr. José Luis Correia, após a saída do livro «Zé do Telhado no Minho» falou-me da possível realização de um almoço regional, que ele e meia dúzia

de dedicados amigos desta airosa e hospitaleira terra, projectavam no histórico cerco da Franqueira, e para o qual eu era convidado.

Tratava-se, dizia o amável convidador, dum simpósio alegre e descuidado para permuta de anedotes da vida quotidiana, e, se adregasse, para a troca de impressões sobre coisas de Literatura e Arte. Isso interessava-me bem mais que ementa gastronómica, a que; aliás, como minhoto da beira-mar, rendo culto e ofício... com a devida vénia!

Mas o excelente Zé Luis, se projectou com simpleza, os fados alteraram-lhe o programa: em vez de escassa dezena de amigos—e eu julgava não ter mais—vejo-me cercado de tantos, que julgo ir além da centena.

Confesso que me acho possuído de emoção, ante tão selecto escol de convivas, aqui presentes, menos para saborear iguarias, na terra tradicional do «arroz-de-còvinha», do que admirar a airosidade desta vetusta cidade, de formosos jardins e opulenta panorâmica; e, a par-e-passo, que confraternizam, estimular um amigo, para o encorajar na jornada encetada. Rendidamente, para Vossas Excelências, vai a minha indelével gratidão.

Não obstante, continuo possuído de espanto, se não passo ante esta festa de que me fazem orago: é que sou o «santo de pau carunchoso» que não faz milagres. Que tenho eu feito para merecer a honra de ser generosamente acarinhado, neste ambiente de amizade, onde nem sequer falta a alta nota de distinção das senhoras, cuja alacridade e perene sorriso tem sido a alma deste confraternizante simpósio?

Adivinho a resposta:—a obra...

A obra! Mas em campo literário, tenho sido, apenas, o escrevente, o copista, que reduziu a auto uma minúscula parcela da sabedoria secular, que anda latente na alma do Povo, em risco de se perder no esquecimento. Escrevi e escrevo o que a Gente da nossa amada Região dita para a lauda, em branco, que tenho na frente. Ponho no papel, sem preocupações de estilo, o que os sabedores analfabetos trazem no bem apetrechado pensamento. Sou um secretário á ordem de quem dita.

Permitam-me V. Ex.<sup>as</sup> um nadinha de auto-crítica:

Tôda a minha descolorida obra, desde o «Solar dos Vermelhos»-história viva na memória vilachanês, pelos «Contos do Minho», «Ansia de Perfeição», «Novos Contos»...—tudo estava gravado na memória do Povo desta Região—consagrada com a poética designação de

«Jardim de Portugal»—canteiro florido do «Jardim da Europa á beira-mar plantado». Só há um mérito a assinalar pôr em letra redonda o que poderia esquecer.

«Crimes de um Usurário»-insignificante novela—é uma «charge» aos caciques do fim dum século e inícios de outro—frioleira sem valor. «No Presídio»—um passatempo, a jornadear por meio milho de páginas; «S. Martinho de Dume», foi o imaginado monge do século XIII, que lhe deu existência; os doze mil étimos do «Vocabolário Minhoto» são do património do povo, e vai por meio século que labuto na recolha.

O meu labor foi apenas dar feição escrita à tradição, e grafar pequena parte do inexgotável dicionário falado pelo Povo.

\* \* \*

Terra amiga! Terra generosa de Barcelos! Porque festejas com a proverbial nobreza de teus pergaminhos, o estranho, sem méritos, de outroalfoz? Por algumas páginas abordarem assuntos barcelenses? Tão pouco isso é...

Sinto-me possuído de emoção ao agradecer-te gentileza de tão subido quilate. Rogo-te que consintas que me considere morador «à-Portas-de-fora» da hospitaleira Cidade! Não fosse eu esposendense, e só nesta terra desejaria ter nascido!

\* \* \*

A V. Ex.<sup>as</sup>, que generosamente vieram confraternizar; aos muitos amigos que mandaram telegramas e cartas; aqueles a quem a distância não permitiu aproximação,—a todos emocionado agradeço esta alta prova de camaradagem e amizade.

Fiz o máximo de esforços para os poupar a êste sacrifício. Mas mais intensiva que a minha resistência, foi a pertinácia dêsse corajoso Editor que é o José Luis Correia—alma-madre de tudo isto.

Vão, pois, as culpas a quem cabem; aqueles de V. Ex.<sup>as</sup> que estão comigo na resistência, atirem ao culpado as pedras rubras da indignação.

Por mim já demasiado o apedrejei...

No final, o homenageado foi alvo de carinhosa manifestação de simpatia, por parte de todos os presentes de quem teve de receber abraços sem conta e asentar confidências amigas de admiração e apreço.

Após o almoço e no «ringue» de patinagem daquele parque, anexo ao local onde foi servido o repasto, a Ronda de Vila Chã exibiu-se com agrado perante os convivas, nas suas danças e

## Provincianismo

(Continuação da 1.ª página)

É ou parece que é de Bragal

Muitas vezes a frase tem mais que se lhe diga, porque ainda leva outras voltas:

É de Braga e chama-se Lourenço!

Esta é uma insinuação frequente, que se ouve a pessoas da capital, pelas citadas razões. Quantas vezes ela antecede os cumprimentos do estilo, quando se visita ou encontra algum conhecido ou amigo?

Há quem lhe subentenda um sentido vago.

— És finório, mas não me

### A MANUEL Boaventura

... os verdes musgos dos montes e as sinfonias das fontes no seu argênteo cantar; e as noras, a soluçar no seu carpir tão dolente; o luar, que ao sol-poente rouba, olímpicamente, o lugar que o belo tem; um beijo terno de mãe junto ao berço, a horas mortas; o namoro, junto às portas das moçoilas do lugar, mas c'o as mães sempre a espreitar — não vá o demo tecê-las—; o bater dumas chinelas no caminho para a fonte; e o cabreiro que, no monte, na «fruta», qual teclado, passa os dedos, inspirado e, em concertos pastoris, diz coisas que ninguém diz aos animais que apascenta; e, no redil, a jumentina num carpir parturiente faz acordar toda a gente já a dormir na herdade, que quer ver a «novidade» que aumentará o «rebanho» e há-de intervir no amanho das leiras a cultivar, quando crescer e medrar (pois pastos há com fartura, cheios de viço e frescura), e os toques de Avé-Marias e a «côr» das romarias: fogo, folguedos, bailados e os desafios cantados à viola e cavaquinho; e a bichano, tão mansinho, anichado na lareira no seu «ron-ron» singular; e o fiel agachadinho inas «guicho», ao fundo da eira, p'ra toda a quinta guardar; e o arado, que a sulcar os campos, lá vai abrindo regos, onde vão caindo as sementes germinais; e essas tardes outonais (e primaveris também)! .....

— Belezas que o Minho tem como dotes muito seus e que o seu bom povo, a Deus dá graças por possuir e se orgulha de gabar quando p'ra longe tem de ir e a saudade as faz lembrar... tudo isto está descrito, com romantismo e ternura, nos livros que tem escrito Manuel de Boaventura!

A. Gomes da Costa  
(jornalista)

cantares típicos da região, com seus trajes característicos e políchromos.

N. R. — O nosso director e a «Tribuna Livre» estiveram representados naquela homenagem, pelo jornalista Gomes da Costa, do «Diário do Norte» na absoluta impossibilidade que surgiu à última hora, da sua presença ao almoço, do sr. dr. António José da Costa.

enganas. No entanto, de qualquer modo não vai além de um gracejo inofensivo.

Teve, porém, segundo as melhores presunções, o seu fundamento e em recuados tempos. Não deve haver dúvida que em determinada época abundaram em Braga os Lourenços, que se destinavam a Lisboa e outras partes, concluindo-se naturalmente que, se o cavalleiro era de Braga se chamava Lourenço, e, se se chamava Lourenço, é porque era de Braga.

Efectivamente, o nome e o pronome de «Lourenço» esteve por aqui em voga durante longo período de fieis da idade média, transmitindo regularmente entre a classe nobre pelo sistema dos patronímicos. O povo sempre costumou regular os seus actos e tendências pelo exemplo das classes superiores.

Os nobiliários confirmam-no. Os filhos e os netos de Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, chamaram-se Lourenços e daí verifica-se um aumento sempre crescente, a multiplicarem-se descomunalmente nesta província do Minho uma vez que Lourenço Fernandes da Cunha casou com a filha de Lourenço Gomes de Macieira de Rates.

Por sucessivos casamentos, eram a certa altura os Lourenços da Cunha, os Lourenços de Macieira, os Lourenços de Regalados, os Lourenços de Portocarrero, os Lourenços de Gondar, os Lourenços de Molles (Remelhe), os Lourenços do Vinhal, os Lourenços Freire, os Lourenços de Almeida, e muitos outros...

Imagine-se que levas e confusões de Lourenço acudiam a Lisboa a ocupar seus postos nas armas e nas altas esferas da política e das cortes de alguns monarcas da 1.ª dinastia. Sim, porque todos estes Lourenços eram gente de algo; e, em abono da verdade, bastará dizer que D. Gomes Lourenço da Cunha, um dos 9 ou 10 filhos do citado casal, era padrinho de el-rei D. Dinis; como seu pai e avô materno, referidos, foram entre os valerosos portugueses tomar parte no cerco e conquista de Sevilha, em 1248.

Nesse tempo de cavalarias, mais, asados que hoje ao remoque e à intriga, que nada passava despercebido de uns para os outros de seus feitos e virtudes a que em parte se deveram no mês e alcunhas que ainda vigoram em grande número das casas portuguesas, certamente a questão de tantos Lourenços havia de dar que falar em Lisboa—É de Braga e chama-se Lourenço.

Para terminar, note-se apenas que, se a esse tempo já houvesse na capital grupos onomásticos, o dos Lourenços seria com certeza o mais numeroso—a verdadeira casa minhota.